

A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA PARA A COMPREENSÃO DOS CONFLITOS CULTURAIS NO MUNDO

Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo

Doutora em Ciências (Geografia)/ UFRJ e Professora Adjunta do Depto. de Arquitetura e Urbanismo da UFPE. Endereço: Rua João Ramos – 285, Apto. 501, Graças, CEP- 52011-080. E-mail: veramelo@hotmail.com.br

Resumo

A proposta deste texto é focar a contribuição da Geografia Cultural, visando compreender os atuais conflitos culturais no mundo, que eclodiram como consequência dos nacionalismos e fundamentalismos, tendo por base, sobretudo, questões de natureza cultural, no qual os povos envolvidos reivindicam a sua identidade cultural e política com relação ao seu território. Inserida neste contexto um dos campos de interesse dos geógrafos culturais tem sido entender o processo de transformação mundial que tem ocorrido de forma tão rápida, como resultado da globalização da economia e do desenvolvimento das redes globais de comunicação por um lado, e por outro o ressurgimento das identidades culturais que se afirmam gerando conflitos culturais de naturezas distintas que estão na base dos nacionalismos e fundamentalismos dos países do Leste europeu, do Oriente Médio, do Norte da África e da América Latina. O interesse por esse tema ocorre em um momento de profunda crise marcado pela procura por uma grande parte da população mundial, de uma identidade que parece lhes escapar.

Palavras-chave: Geografia cultural, conflitos culturais, fundamentalismos, nacionalismos.

Introdução

Ao propormos compreender os atuais conflitos culturais no mundo através da Geografia, privilegiaremos na nossa abordagem a contribuição da Geografia Cultural, pois os conflitos que eclodiram como consequência dos nacionalismos e fundamentalismos, tiveram na sua base, principalmente, questões de natureza cultural, no qual os povos envolvidos afirmavam e reivindicavam a sua identidade cultural e política com relação ao seu território. Nessa direção, a partir de 1970, a Geografia Humanista passa a conceber a produção da cultura através das práticas

culturais que ocorrem no território de maneira diferenciada, lançando as bases para o entendimento dos conflitos culturais, que nas décadas seguintes passa a fazer parte da temática da Nova Geografia Cultural.

Entretanto as bases da geografia cultural foram estabelecidas desde o final do século XIX no âmbito da geografia tradicional, a partir do momento que a geografia passou a ter status de ciência, chegando às universidades. Nesse contexto o termo cultura foi introduzido pela primeira vez na geografia alemã por Ratzel no campo de investigação da *antropogeografia*, traduzida por geografia humana, dirigida a estudar as relações entre sociedade e meio. Assim desde os seus primórdios a geografia humana contém um componente cultural (Claval,1999,19-20), constituindo a geografia cultural um subcampo da geografia humana.

A cultura como objeto de estudo da geografia cultural não tem se limitado a geografia, devendo-se o progresso das pesquisas realizadas nesse campo aos movimentos através de fronteiras disciplinares comuns, como a antropologia, arqueologia, ecologia e história (Wagner e Mikesell, 1962,VIII). No entanto, o olhar do geógrafo que dá a geografia uma identidade, debruça-se sobre a experiência que os homens têm com a Terra, a natureza e o ambiente, a forma como eles os modelam visando responder às suas necessidades e aos seus anseios, assim como, a maneira como eles constroem a sua identidade e o vínculo que eles estabelecem com o território em que vivem (Claval,1997,89).

No âmbito da geografia a cultura foi considerada com acepções distintas, sendo alvo de amplos debates entre as correntes de pensamento que a adotaram como fundamento das suas abordagens, nos diversos momentos históricos. A dimensão cultural torna-se cada vez mais necessária para o entendimento das questões mundiais atuais. Nesse sentido, para tentar revelar o que o mundo significa através da dimensão espacial da cultura, os geógrafos têm empreendido pesquisas nos mais diversos campos e linhas de abordagens que mostram diferentes aspectos da cultura, cuja amplitude de definições podem ser verificadas através do Editorial do primeiro número do periódico *Géographie et Cultures* (1992:4-5).

Assim: a cultura é “o conjunto daquilo que é transmitido e inventado”¹; também é formada por “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”²; não é constituída pela “justaposição de traços independentes. Seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes. As dimensões psicológicas e sociais, simbólicas e espaciais e a busca de sentido”³ formam o cerne das identidades culturais; ela não está presente “da mesma maneira em todos os representantes de uma sociedade”⁴. Existe oposição tanto entre a cultura popular e a cultura de elite, como entre a cultura dominante e a contracultura; a cultura “é vivida individualmente”⁵; através dos seus aspectos intelectuais “existe uma maneira de apreender o mundo,”⁶ nas suas diversas dimensões da ontologia espacial, e suas justificações religiosas, filosóficas e ideológicas.

Inserida nesse contexto um dos campos de interesse dos geógrafos culturais tem sido entender o processo de transformação mundial que tem ocorrido de forma tão rápida, no qual se constata em um mesmo movimento a unificação e o esfacelamento do mundo atual (Claval,1999,10-11), como resultado da globalização da economia e do desenvolvimento das redes globais de comunicação por um lado, e por outro o ressurgimento das identidades culturais que se afirmam gerando conflitos culturais de natureza étnica, religiosa e lingüística que estão na base dos nacionalismos e fundamentalismos dos países do Leste europeu, do Oriente Médio, do Norte da África e da América Latina.

Considerando o que foi colocado, visando abordar a **contribuição da geografia para a compreensão dos atuais conflitos culturais no mundo** pretendemos fazer o seguinte percurso: primeiro relatar a acepção que teve a cultura nas abordagens dos temas que foram alvo do interesse dos geógrafos inseridos na corrente da Geografia Tradicional, no período entre as duas guerras mundiais. Continuaremos discorrendo como na década de 70, no âmbito da Geografia Humanista, a cultura passa a ter outra

¹ - “l’ensemble de ce qui est transmis et inventé”.

² - “composantes matérielles, sociales, intellectuelles et symboliques”.

³ - “juxtaposition de traits indépendants. Leurs composantes forment des systèmes de relations plus ou moins cohérents. Les dimensions psychologiques et sociales, symboliques et spatiales et la quête de sens”.

⁴ - “de la même manière chez tous les représentants d’une société”.

⁵ - “est vécue individuellement”.

⁶ - “il y a la manière d’appréhender le monde”.

acepção, assim como novas perspectivas nos temas tendo a cultura como referência são privilegiados. Finalmente relataremos como a partir das críticas dirigidas à Geografia Cultural “Tradicional”, inclusive pelos seus próprios adeptos na década de 80, ela foi redirecionada passando a cultura a ter outras concepções, assim como houve uma ampliação nas abordagens temáticas adotadas pelos geógrafos da “Nova” Geografia Cultural, passando a ser um dos alvos de interesse a questão dos conflitos culturais, tendo como base as identidades de natureza étnicas, religiosas e linguísticas.

Nosso segundo passo é analisar as questões de identidade e território que estão na base de alguns conflitos culturais mundiais. No entanto, mesmo reconhecendo que as identidades culturais são construídas de forma diferenciada dependendo do contexto social e político onde os diversos grupos culturais estão inseridos, e que para analisá-las é necessário situá-las historicamente, esse texto não propõe analisar as diversas realidades mundiais onde existem conflitos culturais, mas contribuir com uma reflexão sobre os conflitos culturais à luz dos pressupostos da “Nova” Geografia Cultural.

Geografia Cultural: contribuição para o entendimento dos conflitos culturais

Apesar de os seguidores da Geografia Cultural criada por Carl Ortwin Sauer, da Escola de Berkeley, no período entre guerras, demonstrarem interesse na relação entre espaço e cultura a temática desenvolvida por eles não privilegiou os conflitos culturais. Isto porque nos temas abordados por Sauer a cultura era concebida como um conjunto de utensílios e técnicas que permitia ao homem agir sobre o ambiente transformando-o, ou seja, não eram considerados os fatos não- materiais e os aspectos subjetivos nas suas temáticas, pois estes não podem ser classificados ou mensurados, sendo assim não poderiam fazer parte do contexto científico.

O conceito de cultura de Sauer provocou críticas nos geógrafos anglo-saxões, adeptos da “Nova Geografia Cultural”, como as do geógrafo Duncan com relação ao fato de os geógrafos americanos conceberem o conceito de cultura como uma “*entidade superorgânica*” (Duncan,1980,182). Neste conceito esboçado pelos antropólogos Kroeber e Lowie no primeiro quarto deste século, a “*cultura era vista*

*como uma entidade acima do homem, não redutível às ações pelos indivíduos que são associados a ela, misteriosamente respondendo as suas próprias leis*⁷ (Duncan,1980,182).

Tanto Sauer como seus discípulos partiam do pressuposto da separação entre o indivíduo e a cultura, sendo o indivíduo concebido como um simples “*agente de forças culturais*” (Duncan,1980,181-184). Nesse sentido era a cultura que determinava as ações dos indivíduos. Para Corrêa (1989,120) Sauer abandonou o determinismo ambiental, no entanto adotou o determinismo cultural, também uma versão do darwinismo cultural presente naquela concepção antropológica adotada pela Geografia Cultural. Ainda nessa perspectiva de abordagem a noção de cultura era reificada, tendo-se como hipótese que a cultura era internalizada de forma homogênea pelos grupos humanos, prevalecendo no seio desses grupos o consenso, não havendo conflitos intra-culturais (Duncan,1980,181-191).

Outras críticas ao conceito de cultura adotado na Geografia Cultural Tradicional foram feitas, como a de Claval (1999a,10) que afirmou que o conceito de cultura saueriano tinha uma visão global e estática da cultura, como também não eram explorados nem interpretados os elementos utilizados por aqueles que são os portadores da cultura. Uma outra crítica feita por McDowell (1996,162) é que Sauer e seus seguidores tinham uma visão neutra do processo de produção dos artefatos materiais, ignorando os conflitos culturais, pois o seu enfoque se centrava no processo de produção dos artefatos materiais e a sua dispersão por toda a paisagem.

A obra de Sauer apesar da crítica que recebeu representa uma grande contribuição ao pensamento geográfico ao criar a Geografia Cultural, pois conforme o dicionário de Geografia Humana⁸, a maior tradição da geografia cultural deste século tem sido a americana, estando ligada aos escritos e ensinamentos de Sauer. Assim como, também contribuiu a partir dos debates suscitados, com a possibilidade de um redirecionamento na forma de abordar a cultura e com novos aportes metodológicos, pois o pensamento científico tem um caráter de cumulatividade e dinamicidade. Nesse sentido deu possibilidades a que uma nova linha de abordagem a partir da década de

⁷ - “Culture was viewed as an entity above man, not reducible to actions by the individuals who are associated with it, mysteriously responding to laws of its own”.

70 lançasse as bases para o entendimento dos conflitos culturais. A Geografia Cultural Tradicional a partir da década de 50 sofreu um declínio, num período de grandes mudanças na geografia, introduzidas pela “revolução teórica-quantitativa”.

Assim com a retomada da geografia cultural a partir da década de 70 os estudos incluídos na perspectiva da Geografia Humanista, desenvolvidos pelos geógrafos americanos, trouxeram na sua base a crítica ao positivismo lógico, introduzido pela “revolução teórica-quantitativa, principalmente ao uso de leis para o comportamento humano cientificamente verificáveis, pois na perspectiva humanista as ações humanas só podem ser entendidas, através de teorias que considerem os seus significados, valores, propósitos, objetivos e seus aspectos subjetivos.

Segundo Ley (1981, 250-251), a proposta inicial da geografia humanista não tinha como objetivo reformar a geografia cultural, mas fazer oposição a análise espacial quantitativa. Assim procurou referência nas Humanidades adotando como base as filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo. Ainda Holzer (1992,25) comenta que é difícil falar da Geografia Humanista sem fazer referência a geografia cultural criada por Sauer, pois seus temas têm muitos aspectos em comum.

Os temas abordados segundo a perspectiva da Geografia Humanista se baseavam nos estudos de percepção ambiental. Nessa linha de abordagem um dos precursores na utilização dos conceitos de lugar foi Yi- Fu-Tuan, que como aponta Holzer(1992,22), contribuiu para revitalizar a Geografia Cultural e a Geografia Histórica. Em alguns dos seus trabalhos Tuan analisou as atitudes do homem em relação ao ambiente⁹, ou seja, o elo de afeição que une e identifica as pessoas com os lugares. Ele se baseou nos estudos da percepção e atitudes ambientais como uma dimensão da cultura e meio ambiente. Para Tuan (1983,89-102) o lugar tinha dois significados: a sua localização espacial, e um outro mais profundo, que era o de possuir “espírito”, “personalidade”, existindo um “sentido de lugar”. Segundo Le Bossé (1999,120) através do conceito do “sentido de lugar” podemos encontrar um germe da identidade revelando um novo alcance geográfico. Ainda de acordo com ele o lugar é

⁹ - The dictionary of Human Geography, p. 87.

considerado como o suporte essencial de identidade cultural, porque ele evidencia a “*ligação fenomenológica e ontológica fundamental que ancora a pessoa humana dentro daquilo do que Eric Dardel chamou sua “geograficidade”*”¹⁰.

Ainda de acordo com Tuan (1983), o lugar tendo como característica a sua unicidade e especificidade, seria considerado como um “lar”, a nível de várias escalas: o próprio lar, a vizinhança, a cidade até atingir a escala do território nacional. Sendo assim, o lugar nessa perspectiva passa a ser o locus identitário tanto para o indivíduo e a família, na escala do lar, como para os grupos culturais, na escala do território nacional.

A abordagem humanista sobre o “*sentido dos lugares*” e a ancoragem geográfica dos fenômenos identitários deve nos levar a refletir e analisar sobre as práticas territoriais dos grupos que têm o fundamento da sua existência construído a partir da identidade cultural com o seu lugar. Como o lugar desperta nos indivíduos e grupos um sentimento de pertencimento, assim como é carregado de valor e de significado, caracterizado pela estabilidade e permanência, no momento em que esses indivíduos e grupos se vêem ameaçados pela perda do seu lugar esboçam resistência às mudanças gerando conflitos culturais.

Como coloca Macdowell (1996,164) a partir da Geografia Humanista houve uma nova compreensão da produção e reprodução das culturas através das práticas sociais que ocorrem a nível espacial de maneira diferenciada. Essas práticas, para Le Bossé (1999,121) são parte integrante de uma territorialidade simbólica através das quais os grupos afirmam e reivindicam sua identidade cultural e política em relação com seu próprio lugar.

Essa nova aceção da cultura, concebida além dos aspectos materiais, baseada na percepção ou na subjetividade, significou um grande avanço, pois a partir daí a cultura passou a ter um caráter individual, sendo todos os indivíduos portadores de cultura. Assim tanto os indivíduos como os grupos internalizam a cultura de forma diferenciada, havendo possibilidade portanto, dos grupos com identidades culturais distintas entrarem em conflito ao reivindicar e disputar o lugar que lhes pertence.

⁹ - ver Tuan (1980), *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*.

A possibilidade dessa nova concepção da cultura ocorreu devido a característica antropocêntrica da Geografia Humanista, que elegeu o homem como medida de todas as coisas, uma vez que toda explicação só seria satisfatória se estivesse fundada nas explicações e valores humanos. Para Gomes (1996,315), a contribuição do humanismo moderno foi a renovação da imagem do mundo, recolocando o homem no centro de sua cultura.

Dentro desse contexto foram lançadas as bases para o entendimento dos conflitos culturais que nas décadas seguintes eclodiriam, como resultado do ressurgimento dos nacionalismos e fundamentalismos, causando uma grande perplexidade e crescente inquietação na sociedade.

Segundo Holzer (1992,252), com o reconhecimento da Geografia Humanista como subcampo da geografia, começaram as críticas às suas formulações na década de 80, feita principalmente pelos geógrafos inseridos na corrente de pensamento chamada Nova Geografia Cultural. No entanto os geógrafos humanistas também deram sua contribuição a criação dessa nova corrente de pensamento, uma vez que influenciariam um movimento de renovação dentro da Geografia Cultural. Os trabalhos incluídos na perspectiva de abordagem da Nova Geografia Cultural foram desenvolvidos principalmente pelos geógrafos anglo-saxões.

Com o advento da Nova Geografia Cultural ocorreram debates entre os geógrafos inseridos nessa corrente e na Geografia Cultural Tradicional, suscitados pelas mudanças taxonômicas, efetuadas na década de 80 (Duncan,1994,403). Esses debates, além de envolverem questões teóricas, metodológicas e empíricas, discutiam uma base unitária na continuidade de certos temas (Duncan,1994,402). No entanto, segundo Duncan (1994,402), seria difícil falar em unidade em um campo que extrapolou as fronteiras tradicionais, quando deixou de ser exclusividade da geografia americana. Os geógrafos ingleses ao não compartilharem da genealogia americana buscaram pesquisas alternativas, com novos objetos de estudo, novas metodologias, novos vocabulários, se baseando em teorias fornecidas pelas ciências sociais e pelas humanidades (Duncan,1994,406)

¹⁰ – “lien phénoménologique et ontologique fondamental qui ancre la personne humaine dans ce qu’Eric Dardel appelait sa “géographicité”.

Diante desse contexto a Nova Geografia Cultural tornou-se uma heterotopia representada por diferentes linguagens. Para trabalhar dentro de um mesmo discurso de unidade como fizeram os geógrafos culturais tradicionais, os novos geógrafos culturais seriam forçados a substituir uma hegemonia do novo pelo velho, a tentar disciplinar diferenças e incompatibilidades. Para Duncan(1994,405) a meta de unidade implica em dominação. Ainda segundo ele, a falta de unidade deve ser vista como um ganho intelectual, pois a Nova Geografia Cultural tem uma contribuição diferente a oferecer, portanto nessa heterotopia epistemológica não existe um discurso “*mestre*”, ou um único método ou estrutura taxonômica (Duncan,1994,407). Assim nas palavras de Duncan (1994,403), o que temos que fazer não é tentar disciplinar as diferenças, mas sim aplaudir a sua riqueza e celebrá-la.

Segundo a perspectiva de abordagem da Geografia Cultural Tradicional a natureza do homem, da sociedade e do espaço não parecia apresentar problemas, no entanto, o que os novos geógrafos culturais descobrem é que os homens, os grupos e os lugares são realidades que variam e que são construídas em um momento e um local precisos. A cultura não é uma realidade global, ela é diversificada e está em constante evolução. É a partir dessas constatações, que representa um enorme ganho para a Nova Geografia Cultural, que os geógrafos anglo-saxões se dedicam aos estudos dos detalhes, querendo marcar sua ruptura com as abordagens “*superorgânicas*” sauerianas (Claval:1999 b, 64).

A Nova Geografia Cultural ao receber a contribuição da Geografia Humanista ao fazer do homem o centro de sua análise, passou a desenvolver novas abordagens. Nesse sentido a cultura passa a ser apreendida na perspectiva da construção de identidades, pois a cultura forja identidades. Sendo assim é importante valorizar o papel que tem o indivíduo nas dimensões simbólicas da vida coletiva. Assim a cultura passa a ser concebida não mais como uma totalidade, pois cada indivíduo possui a sua própria identidade. No entanto, segundo Claval (1997,97), a formação do indivíduo só finaliza quando ele internaliza os valores existentes a nível da coletividade. A partir daí ele passa a ter uma identidade que lhe dá uma referência no grupo e o faz existir perante outras comunidades. A medida que o indivíduo se identifica com o grupo, passando a se reconhecer nele, toma consciência de sua identidade que ocorre

quando ele reconhece que os outros grupos têm uma identidade cultural diferente do seu grupo.

Nesse contexto os novos geógrafos culturais empreendem esforços para renovar as suas abordagens visando entender a interpretação simbólica que os grupos dão ao ambiente, assim como as mudanças de atitude em relação a cultura, a natureza das identidades e dos vínculos territoriais (Claval,1999,56). É nesse contexto que de acordo com Corrêa (1997,7) a Geografia Cultural, além dos temas tradicionais, introduz outros tipos de temática como os conflitos culturais, abordadas com base em uma matriz não-positivista.

Os conflitos culturais poderão ser vislumbrados através dos vínculos que os grupos culturais estabelecem com o território, que possui uma carga simbólica para os indivíduos ou grupos que nele encontram seu locus identitário, como também pelo sentimento que ele desperta de pertencimento e estabilidade. Assim, por tudo que o território representa, se um grupo for ameaçado pela sua perda esboçará resistência, e ele será alvo de disputas e o conflito se estabelecerá. No entanto só será possível entender as tensões que afetam os territórios, através da análise das práticas culturais que se dão de maneira diferenciada no território e que se traduz nos dinamismos culturais. É importante que se verifique também a relação engendrada com o território, e o significado que ele tem para os grupos que o organizam e que com ele estabelecem uma relação de pertencimento. Essa é a contribuição que a Nova Geografia Cultural poderá dar ao entendimento dos conflitos culturais mundiais, pois os choques culturais estão na maior parte dos conflitos que abalam o mundo contemporâneo.

O interesse por esse tema ocorre em um momento de profunda crise marcado por conflitos culturais resultantes do ressurgimento dos nacionalismos, da emergência dos fundamentalismos e segundo Claval (1999,59), *“da procura por uma grande parte da população mundial, de uma identidade que parece lhe escapar”*. Assim um dos desafios dos novos geógrafos culturais, de acordo com Macdowell (1996,181), é investigar como um sentimento de identidade, comunidade e nacionalismo permanece enraizado num chamado mundo pós-moderno. Estas questões são trabalhadas nas

fronteiras comuns com a geografia social e política, que também pesquisam as questões pertinentes a identidade étnica e conflitos culturais.

Com o objetivo de verificar como no âmbito da Nova Geografia Cultural os conflitos culturais são entendidos se faz necessário analisar as questões de identidade e território que estão no cerne dos conflitos culturais que têm ocorrido em alguns países do Leste europeu, do Oriente Médio, do Norte da África e da América Latina.

Base dos conflitos culturais: identidade e território

As questões de identidade e de fenômenos identitários no mundo contemporâneo, tem interessado não só a Nova Geografia Cultural, como também ao conjunto das ciências humanas e sociais, que têm explorado estas questões com uma diversidade de abordagens específicas e algumas vezes interdisciplinares, assim como, com uma grande amplitude de pontos de vista teóricos (Le Bossé,1999,115).

Dentro desse contexto, visando discutir as questões de identidade como base dos conflitos culturais, precisamos entender o que é identidade enquanto conceito social e cultural.

Nesse sentido para se estabelecer os critérios próprios à identificação existem dois processos distintos, mas complementares, pois a palavra identidade possui um duplo sentido, definido pelo caráter daquilo que se parece e daquilo que é diferente¹¹. Esses dois processos são definidos pela *similaridade* e pela *singularidade*.

A *similaridade* define a identidade cultural em termos de uma cultura compartilhada de forma individual e coletiva e segundo Hall (1998,223) possuindo uma história compartilhada, assim como, ancestrais em comum. Na perspectiva dessa definição, as nossas identidades culturais se baseiam em códigos culturais compartilhados e experiências históricas comuns que nos fazem sentir como “*um povo*”, com estabilidade e com uma construção contínua de referências e de significados (Hall,1998,223). Ainda, de acordo com Le Bossé (1999,117), a identidade enquanto *similaridade* se traduz tanto para o indivíduo como para o grupo em um sentimento de pertencimento comum, de partilhamento e de coesão social. Esta é a

¹¹ - Le Mots de la Géographie, p.244.

identidade cultural na qual se baseiam os povos que convivem nos países que fazem parte do Leste europeu, do Oriente Médio, do Norte da África e da América Latina.

A *singularidade* apresenta a identidade cultural sob outro prisma, pois reconhece que apesar de existir vários pontos de *similaridade* existem pontos de profunda e significativa diferença. Para Hall (1998,225), não podemos falar sobre uma experiência, uma identidade sem conhecermos o outro lado, ou seja, a diferença, pois toda a forma de identificação pressupõe um processo de diferenciação. Nós nos identificamos a favor ou contra alguma coisa ou alguém. Nessa abordagem a identidade é levada em conta por um sentimento de pertencimento ou de exclusão. No sentido psicológico a identidade significa consciência e singularidade, e define que o seu “eu”, segundo Le Bossé (1999,117), “*se apreende e se reconhece em um intercâmbio diferencial e dialético com o que é distinguido como o Outro*”¹². Para que um indivíduo ou um grupo tome consciência de sua identidade é necessário não apenas considerar como elementos o reconhecimento mútuo e a solidariedade internas, mas reconhecer o outro grupo como tendo uma identidade cultural diferente do seu grupo. É através do processo de *singularidade* que podemos perceber as diferentes identidades culturais de natureza étnica, religiosa e linguística entre os povos que constituem as nações do Leste europeu, do Oriente Médio, do Norte da África e da América Latina.

Como vimos, a identidade é fundamentalmente uma noção relacional, que não se concebe a não ser com relação ao outro, aquela da “*alteridade*”, ou seja, a identidade de um indivíduo só existe na diferença com outro indivíduo, da mesma forma que a relação de um grupo com relação a outros grupos¹³. Nós entendemos então que a identidade é relacional e que se concretiza, na perspectiva de Villeneuve(1990,890) tendo como suporte o território, que também possui uma dimensão cultural, uma vez que ele possui uma carga simbólica para os indivíduos ou grupos que nele encontram a sua identidade.

Uma outra característica da identidade é o seu conteúdo compreendido pelo seu caráter referencial. Nesse sentido a identidade pode ser percebida através de

¹² - “*s’appréhende et se reconnaît dans un échange différentiel et dialectique avec ce qui est distingué comme l’Autre*”.

múltiplas perspectivas tanto materiais, como simbólicas. Enquanto referência material os grupos que se identificam culturalmente partilham de um espaço comum e de obras econômicas, políticas e sociais, e enquanto referência simbólica as identidades também são construídas através da memória, fantasia, narrativa e mito. Para Le Bossé (1999,118), os grupos étnicos ou nacionais se baseiam sobre a idéia de um mito das origens.

As identidades culturais possuem também uma dimensão temporal, pois elas têm história, e como todas as coisas que são históricas elas sempre estão em processo de transformação e segundo Hall (1998,225), longe de estarem fixadas no passado *“elas são sujeito dos contínuos ‘jogos’ da história, cultura e poder”*¹⁴. No entanto na abordagem de Le Bossé (1999,118) a dimensão temporal também pode ser uma forma de permanência e de resistência às mudanças. Isto porque para ele todas as formas identitárias estão sempre em um equilíbrio de tensão entre o ser e o devir. Nesse sentido as identidades culturais como consciência susceptíveis de mudança, de desaparecimento ou de adaptação podem retornar em direção ao passado se projetando no futuro. Isto é o que tem ocorrido com o ressurgimento das identidades culturais nas nações mencionadas, que se afirmam e apelam ao seu reconhecimento gerando conflitos culturais.

Enfim, ao tratarmos da questão identitária não podemos deixar de fazer referência aos questionamentos contemporâneos da noção de identidade para as ciências humanas e sociais que é o seu caráter contextual e construído. Assim de acordo com a abordagem de Castells (1998, 6), a identidade social é uma construção de significados que tem como base um atributo cultural ou conjunto de atributos culturais, dados prioritariamente sobre outras fontes de significado. Poderão existir uma diversidade de identidades, tanto para o ator individual como para o coletivo. E cada uma delas representa uma fonte de tensão e contradição na sua própria representação, assim como na ação social. Ainda segundo Castells (1998,7-9), do ponto de vista sociológico, todas as identidades são construídas; como e por quem, é uma questão de contexto social que precisa ser situado historicamente. Já para Le

¹³ - ver também sobre o caráter da alteridade com relação a identidade em Wallman:1983:70-72.

¹⁴ - “ they are subject to the continuous ‘play’ of history, culture and power”.

Bossé (1999,118) a identidade é uma construção social e histórica de “*si e do outro, entidades*”, que se encontram constantemente engajadas e negociadas dentro de relações de poder, de troca ou de confrontação, que variam no tempo e no espaço.

Ao abordarmos as questões de identidade como base dos conflitos culturais não podemos deixar de incluir nesta abordagem o território como palco e condição primeira desses conflitos. Além do que a identidade passa pelo território estando de par com ele, pois os indivíduos e os grupos visam sempre se inscrever em um território, deixando sua marca impressa, balizando-o, como também se apropriando e conferindo identidade ao território assim como a ele mesmo¹⁵. É nessa relação com o território que precisamos entender os conflitos culturais, através da análise das práticas culturais que se dão de forma diferenciada tendo ele como suporte, assim como do significado que ele tem para os indivíduos ou grupos que nele encontram a sua identidade.

Dentro desse contexto os homens precisam se ligar a um território para dar um sentido a sua existência, pois esse além de representar para eles um refúgio, desperta um sentimento de proteção onde eles se reconhecem (Claval,1999 b,90). O território também faz parte das histórias dos grupos, pois ele está inserido, segundo Claval(1999 b,90), “*nas lembranças das batalhas, nos monumentos herdados do passado e no conjunto das histórias e das lendas que dão um sentido ao destino coletivo*”.

O território pode ser abordado sob visões distintas. Como foco de disputa e apropriação, sendo povoado, ameaçado e disputado ele tem conjuntamente: uma *dimensão natural*, como suporte de formação da identidade individual e coletiva, assim como palco onde ocorrem conflitos culturais; uma *dimensão sociopolítica*, que consiste nos sistemas de controle ou de apropriação do qual ele é objeto, e nesse sentido ele evoca o “*território nacional*”, se aproximando do conceito de Pátria e de Estado-Nação, despertando sentimentos patrióticos e preste a ser defendido como “*território pátrio*”; uma *dimensão jurídica*, de onde ele reenvia ao fato da existência do Estado, de onde a sua legitimidade se mede pela sua capacidade de garantir a “*integridade territorial*”;

¹⁵ - Le mots de la Géographie, p.245.

e uma *dimensão cultural*, traduzido pela carga simbólica de que ele se reveste para os indivíduos ou grupos que nele encontram a sua identidade despertando um sentimento de apropriação e de pertencimento que se traduz nas representações coletivas e nos símbolos que ele encarna¹⁶. É a partir da *dimensão cultural* que poderá ser analisado e entendido o significado que o território tem para os indivíduos e grupos que dele se apropriam fazendo-os reivindicar sua identidade cultural e política com relação ao seu território, podendo haver tensões e conflitos na ameaça de sua perda.

Para Le Bossé (1999,123) o sentido prático e simbólico através dos quais um grupo define e controla seu território é dado pela territorialidade que revela a identidade do lugar. Nesse sentido é importante considerarmos a contribuição da Geografia Humanista ao introduzir o conceito do *“sentido de lugar”*, sendo a partir daí revelado o lugar como suporte essencial da identidade cultural. Também ao ser considerado como *“lar”*, ele passa a ser o locus identitário dos indivíduos e do grupo no território. No entanto a territorialidade pode ser considerada sob um ponto de vista mais abrangente, pois ela pode ser vista também como a *“guarda identitária”* do território e nesse sentido ela define aquilo que lhe pertence e aquilo que é excluído. Para entender a expressão territorial do grupo, é preciso analisar a maneira como segundo Le Bossé (1999,123) *“ele percebe e representa seu Outro, inimigo ou vizinho, e como esse Outro serve a soldar a coesão interna do grupo identitário”*¹⁷. Ao analisarmos a *“expressão territorial do grupo”*, ou seja as práticas culturais dos indivíduos ou grupos no território, poderemos entender como se dá a sua relação com o *“Outro, inimigo ou vizinho,”* e se ela gera tensões e conflitos.

É importante também para a nossa abordagem verificarmos de forma breve a ligação existente entre território e nacionalismo, uma vez que os conflitos culturais em alguns países componentes do conjunto de regiões mencionadas, foram resultantes do ressurgimento do nacionalismo¹⁸.

¹⁶ - ver sobre as noções de território em Le Mots de la Géographie, p.435-436; em Claval(1999 a:17; 1999 b:79-80) ; e em Souza(1995:81).

¹⁷ - *“il perçoit et représente son Autre, ennemi ou voisin, et comment cet Autre sert à souder la cohésion interne du groupe identitaire”*.

¹⁸ - A Encyclopedia of social and cultural Anthropology (1997:391), define o nacionalismo como um grupo de pessoas compartilhando uma mesma cultura e linguagem, as vezes uma mesma religião e usualmente mas nem sempre uma mesma história: a isto soma-se uma sustentação política que esse grupo de pessoas necessita, assim como de seus direitos, de administrar a eles mesmos e serem administrados por pessoas do mesmo tipo (nação, etnicidade, linguagem, religião, etc.). Ver também outras concepções de nacionalismo no Dicionário de Ciências Sociais(1986:802-803).

Nesse contexto ao explorar a ligação entre território e nacionalismo Anderson¹⁹ sugere que nações e nacionalismos são territoriais, como também são baseados em territórios geográficos particulares e assim não ocupam meramente o espaço geográfico. Ele ainda alega que a abordagem para o estudo do nacionalismo é claramente uma forma territorial de ideologia. Outro dogma central da doutrina nacionalista de acordo com Taylor²⁰, é que *“toda nação requer seu próprio estado – soberania como uma verdadeira expressão da sua cultura”*²¹. Purcell (1998,433) parte do pressuposto de que os territórios nacionais são imaginados, porque como eles não existem *“a priori”*, precisam ser construídos por agentes sociais. Eles são imaginados para ter certas características, certas fronteiras e uma certa paisagem. Também eles são imaginados para ser habitado por um certo tipo de pessoa – culturalmente, linguisticamente e religiosamente. No entanto apesar de o território ser imaginado os atores trabalham para conceber uma paisagem física ao redor deles. Ainda segundo ele, quando diferentes imaginações do território nacional reivindicam o mesmo espaço físico provavelmente ocorrerão conflitos entre os grupos. As *“imaginações do território nacional”*, poderão se traduzir no significado que o território tem para os indivíduos e grupos que nele encontram a sua identidade. Assim é importante analisarmos qual o significado do território para os diferentes grupos culturais, e também como ocorrem as práticas desses grupos no território, pois grupos culturalmente distintos podem compartilhar o mesmo território numa relação de tolerância, caracterizando-se num multiculturalismo. No entanto se um dos grupos culturais resolver reivindicar para si esse território se estabelecerá um conflito. É nesse quadro que se caracteriza a situação de alguns países no momento em que ocorrem conflitos de base culturais.

O estudo das fronteiras também tem importância para os estudos da identidade e do território em geografia, porque elas são testemunhas de uma territorialidade interna e de uma construção geográfica da alteridade (Le Bossé,1999,124). Segundo Newman e Paasi(1998,186) as transformações territoriais ocorridas em escala global e as desinstitucionalizações ocorridas nos países do leste europeu, como também em outras partes do mundo, contribuiu para que houvesse um renovado interesse pelas

¹⁹ - Anderson apud Purcell(1998:432).

²⁰ - Taylor apud Purcell(1998:432).

questões relativas as fronteiras e identidades territoriais. Por outro lado o ressurgimento do nacionalismo tem criado um novo interesse pelo significado das fronteiras. E nas discussões contemporâneas a identidade nacional tem tornado-se um “*slogan*” para a constituição cultural do estado-nação²².

A discussão do papel das fronteiras tem estado conectada com as abordagens de território, territorialidade e soberania. Newman e Paasi (1998,187) colocam que os geógrafos em particular, têm o entendimento das fronteiras como expressão ou manifestação da “*territorialidade dos estados*”. Ainda para esses autores, as fronteiras não representam apenas categorias estáticas localizada entre estados, elas também são resultado de construções sociais, políticas e discursivas. Mesmo que elas sejam representadas como linhas entre “*entidades territoriais*”, elas também têm para as comunidades um profundo significado simbólico, cultural, histórico e religioso. Sendo assim elas se manifestam em numerosas práticas, culturais, políticas e sociais.

Enfim, segundo Newman e Paasi (1998:188), as abordagens dos geógrafos que participam do discurso crítico geopolítico tem mudado, pois novas conceitualizações e representações do espaço têm surgido dentro dos estudos culturais, diferindo dos discursos dos geógrafos políticos tradicionais. Atualmente eles têm demonstrado grande interesse nos significados sociais e culturais das fronteiras e nas fronteiras enquanto manifestações cultural e simbólica da territorialidade.

Considerações Finais

Através de nossa exposição pudemos verificar como a **Geografia pode contribuir para a compreensão dos atuais conflitos culturais do mundo**. No percurso feito através dos diferentes momentos históricos, foram vislumbrados no âmbito da Geografia Cultural algumas tendências incluídas em diferentes correntes de pensamento, entre elas, a Geografia Cultural Tradicional, que suscitou amplos debates resultando em críticas e em novos direcionamentos, num processo dinâmico e cumulativo próprio do pensamento científico.

²¹ -“every nation requires its own sovereign- state for the true expression of its culture”.

²² - Schlesinger, 1991; Billing.1995; apud Newman e Paasi.

Nas abordagens existentes até a década de 70 não eram considerados os aspectos subjetivos da realidade, pois se partia do pressuposto de que a razão seria a grande verdade científica para explicar as relações do homem com o mundo. Apesar de essas correntes continuarem representando a hegemonia do pensamento científico, mostram-se insuficientes para explicar as transformações em curso. Sendo assim para tentar se entender o processo de mudança mundial que tem ocorrido de forma tão rápida, é importante que se incorpore cada vez mais as dimensões culturais inseridas nas práticas sociais que ocorrem de maneira diferenciada de acordo com as especificidades espaciais.

A partir desse contexto a Geografia Humanista deu a sua contribuição, continuando neste percurso na década de 80 a Nova Geografia Cultural, onde as questões culturais têm estado cada vez mais presentes nas suas temáticas, que se ampliam numa “*heterotopia*” mostrando uma riqueza de diversidade, na tentativa de revelar o significado do mundo a partir da prática social. Esse contexto reflete a complexidade do momento atual, que apresenta por um lado o mundo num processo de globalização da economia, e por outro a eclosão de conflitos culturais mundiais que ocorrem nos territórios, com a exacerbação dos nacionalismos e dos fundamentalismos, parecendo que a humanidade se encontra a “*procura de uma identidade que parece lhes escapar*” (CLAVAL, 1999,59), causando uma crescente inquietação na sociedade mundial.

No nosso breve percurso visando pesquisar algumas linhas de abordagem que enfocam as questões de identidade, território, nacionalismo e fronteira percebemos o quanto essas questões têm sido analisadas nas fronteiras comuns com a geografia política e social. Diante desse contexto ao abordarmos como a **Geografia pode contribuir para a compreensão dos atuais conflitos culturais no mundo**, priorizamos o enfoque da Nova Geografia Cultural, no entanto não pudemos deixar de abordar algumas questões de forma interdisciplinar, pois dada a complexidade da realidade, devemos admitir que é possível utilizar teorias de diferentes correntes de pensamento, de forma complementar, visando uma melhor compreensão da temática em questão.

Referências Bibliográficas

- CASTELLS, M. 1998. Economy, Society and Culture. *In: The Power of Identity*. Vol. II. Massachusetts, USA. Blackwell Publishers Inc.
- CLAVAL, P. 1997. As abordagens da Geografia Cultural. *In: Explorações Geográficas*. (Org.) I. Castro et al. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. pp. 89-117.
- _____. 1999. *A Geografia Cultural*. Florianópolis, Editora da UFSC.
- _____. 1999 a. Qu'apporte l'approche culturelle a la Géographie? *In: Géographie et Culture*. 31: 3-24.
- _____. 1999 b. A geografia cultural: o estado da arte. *In: Manifestações da Cultura no Espaço*. (Org.) R.L. Corrêa et al. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 59-97.
- CORRÊA, R. L. 1997. Geografia Cultural – Uma Bibliografia. *In: Espaço e Cultura n° 5*. Rio de Janeiro, NEPEC, UERJ, pp.67-71.
- DUNCAN, J. 1980. The Superorganic in American Cultural Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 70(2) : 181-198.
- _____. 1994. After the Civil War: Reconstructing Cultural Geography as Heterotopia. *In: Re-Reading Cultural Geography*. (Org.) K. E. Foote et al. Austin, The University of Texas Press. pp. 401-408.
- Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology 1997. (Org.) A. Barnand et al. London & New York. pp. 391-393.
- Géographie et Cultures, ou La Cultures dans tous les espaces*. Editorial de Géographie et Cultures, 1, 1992.
- GOMES, P. C. 1996. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro, Bertrand.
- HALL, S. 1998. Cultural Identity and Diaspora. *In: Identity: Community, Culture, Difference*. (Org.) J. Rutherford. London. pp. 222-237.
- HOLZER, W. 1992. *A Geografia Humanista – Sua Trajetória de 1950 a 1990*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia, Universidade do Rio de Janeiro, datil., 2 volumes.
- LE BOSSÉ, M. 1999. Les Question D'Identite en Géographie Culturelle: quelque aperçus contemporains. *In: Géographie et Culture*. 31: 115-126.

- LEY, D.1981. Cultural / Humanistic Geography. *Progress in Human Geography*. 5(2): 249-257.
- MACDOWELL, L.1996. A transformação da Geografia Cultural. *In: Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência*. (Org.) D. Gregory et al. Rio de Janeiro, Zahar. pp. 159-183.
- NEWMAN, D. e PAASI, A.1998. Fences and neighbours in the postmodern world: boundaries narratives in political geography. *In: Progress in Human Geography*. 22(2) pp. 186-207.
- PURCELL, M.1998. A Place for the Copts: Imagined territory and spatial conflicts Egypt. *In: Ecumene*. 5(4) pp. 432-451.
- TUAN, Yi-Fu 1983. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL.
- _____1983. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL.
- VILLENEUVE, P.1995. Les minorités dans le monde. *In: Encyclopedie de Géographie*. (Org.) A. Bailly et al. Paris, Economica. pp. 889-891.
- WAGNER, P. e MIKESELL, M. 1962. The Themes of Cultural Geography. *In: Readings in Cultural Geography*. (Org.) P. Wagner et al. Chicago, The University of Chicago Press.